

Entrevista com Maria Amélia Teles via ligação telefônica em 11 de fevereiro de 2021 às 14h

Legenda

Maria Amélia Teles: A

Juddy Garcez Moron: J

A: Alô

J: Alô, boa tarde. Tudo bem?

A: Tudo. É a Ana, é Ana, né?

J: É a Juddy.

A: É a Juddy.

J: Isso.

A: Juddy, né? Nós vamos falar por telefone?

J: Eu acho que é melhor, porque daí eu consigo gravar se a senhora me autorizar.

A: É claro que pode. Deixa eu ir lá pro meu quarto.

J: Tá certo.

A: Espera um pouquinho.

J: Sem problema.

A: Pode falar.

J: Olha, primeiro eu acho que é mais fácil eu explicar um pouquinho pra senhora o que eu pesquiso, e aí

A: Certo

J: Eu vou fazer umas perguntas pra senhora pra ver se a senhora lembra um pouco da época do Clube das Mães, né.

A: Uhum

J: Eu acho que é importante. Bom, explicando a minha pesquisa um pouquinho. Eu tento compreender como que a atuação dos Clubes de Mães da Zona Sul ela se deu tanto com relação a outros grupos, seja no Brasil ou internacionalmente, e na minha pesquisa eu também trago uma discussão sobre a maternidade. Eu faço mestrado em Relações Internacionais e é um tema um pouco falado e eu acho muito importante a gente falar não só da maternidade, mas dos Clubes de Mães, né. Que foram a base de tantos movimentos aí em São Paulo. Eu andei lendo alguns documentos e vendo algumas entrevistas e eu vi que a senhora participou, certo?

A: Eu participei, olha, eu vou te explicar como foi que eu participei.

J: Tá.

A: Eu, eu, eu já nos anos 70 me tornei feminista e aí então eu acreditava que, acreditava e continuo acreditando que as mulheres, nós precisamos de, de, é, como eu diria, nós precisamos de lutar né, pelos nossos direitos. São as mulheres que devem protagonizar suas próprias lutas

J: Sim

A: Né, suas ações, e de uma forma autônoma, de uma forma, é, cidadã, buscando a cidade. Enfim, eu sou uma militante política a minha vida inteira. Então, o feminismo pra mim é fundamental porque eu acho que se não, se as mulheres não se emanciparem, não se libertarem, dificilmente, é, a sociedade vai ter soluções mais sólidas, né, digamos assim

J: Sim

A: É, para os nossos problemas. E aí então, na época eu era do Brasil Mulher. Jornal Brasil Mulher, que foi o primeiro jornal feminista, é, digamos, aqui em São Paulo. Primeiro jornal feminista, é, daquela época, que lutava pela anistia

J: Sim

A: Política, né. Para os, as pessoas perseguidas, presas e exiladas pudessem, é, conviver no país, né, de forma legal. E então, e eu pensava o seguinte: nós temos que fazer a luta política, defender as liberdades políticas, democracia, o fim da censura, da repressão. Mas, nós temos que, digamos assim, nos aproximar e defender as mulheres, é, que estão mesmo na periferia, que são mulheres populares, que são as mulheres mais pobres, digamos assim. E aí mais pobres em termos econômicos, né.

J: Uhum.

A: Entendeu?

J: Sim.

A: Ahn, eu fui buscar, ahn, levar o jornal para elas verem se elas gostavam do jornal, se elas, é, reconheciam o jornal como sendo delas. Eu queria que elas reconhecessem que o jornal era delas. Então, é, a gente fazia muita discussão sobre o jornal. E aí então eu conheci um padre, e lá na Vila Remo, lá na Zona Sul aqui

J: Sim

A: E ele trabalhava com dezoito Clubes de Mães. Porque os Clubes de Mães eram ligados a Igreja Católica.

J: Sim.

A: É, e eu não sou católica, não tenho religião. Eu sou uma feminista. Eu sou feminista, sou comunista. Então eu tenho uma outra filosofia, né

J: Uhum.

A: Digamos assim. Mas, eu conversei com o padre Luiz, né.

J: Sim.

A: E propus pra ele o que eu gostaria de fazer junto aos Clubes de Mães. É, né, eu acompanhar aquelas reuniões, é, que elas escolhessem uma matéria do jornal e a gente faria uma leitura coletiva e fazia uma discussão sobre aquela matéria e que, depois de lido, e discutido, elas sugerirem assim, no próximo jornal, o que que nós queremos.

J: Sim. E, como que foi essa recepção dessas mulheres?

A: Ah, foi excelente, nossa. Tem inclusive matérias que elas propuseram, é, principalmente, a principal bandeira das mulheres era o custo de vida e a creche. A luta por creche. E foi, foram, absorvidas pelo jornal. Então o jornal tem matérias do custo de vida e matérias sobre a creche. Entendeu?

J: Sim.

A: E tem até matérias sobre uma liderança que tinha lá na zona sul que morreu, morreu no decorrer desse trabalho. Então a gente faz uma, uma matéria sobre ela. E sobre as crianças, e sobre o trabalho, e sobre greve operária, e todas as questões que elas vão sugerindo e vão fazendo parte da vida delas, nós vamos colocando no jornal. Então foi muito interessante. E eu acabei me envolvendo com elas, eu acabei trabalhando numa creche que elas propuseram de fazer a creche.

J: Uhum.

A: Lá na Figueira Grande. Fizeram a creche, e precisavam de gente pra ficar lá trabalhando. Então eu trabalhava no jornal, mas de manhã, antes de ir pro jornal, eu fazia trabalho na creche.

J: Nossa, muito legal.

A: Entendeu? E eu dividia o tempo. Então, é, e tinha muitas reuniões, tinha encontros. Tinha, enfim, feijoada né. Tinha aquelas campanhas de finanças, para fazer a creche, para comprar alguma coisa pras crianças. Porque a creche foi feita pelas mulheres. A gente colocou tijolo por tijolo. Mulheres e os maridos também, no final de semana, ajudavam. Entendeu?

J: Sim.

A: E, e aí eles precisaram comprar mais tijolos, comprar a tinta, ou comprar um fogão, faziam, é, esses almoços, que eram essa feijoada e que todo mundo ajudava a fazer. Então foi, era muito trabalho né. Eu to resumindo, mas era muito trabalho.

J: Sim. E a senhora já era mãe nessa época?

A: Eu já. Eu já. Já era mãe.

J: E...

A: Então, não, eu entendo. Assim. Eu vivi a minha maternidade na clandestinidade. Tive minhas filhas sequestradas pelo, pelas forças repressivas da ditadura. Eu também fui presa. Então já vivi minha maternidade com muita, assim, nessa realidade dura de violência e muitas mães ali viveu essa realidade ali também. Então eu tinha muita identidade ali, né.

J: Sim.

A: Muita identidade com elas.

J: Muita luta, né?

A: Muita.

J: E a senhora se identificava como feminista? Mas as outras mães também?

A: Não

J: Como elas pensavam essa questão?

A: Eu sempre me identifiquei como feminista. Aliás, não sou de ficar escamoteando. Aliás, era duas coisas que eu falava pro padre: eu sou feminista e vou falar que eu sou feminista. Bom,

J: Sim.

A: Eu sou, é, ex-presa política, eu tinha, eu saí da prisão em 73 e fui trabalhar com elas em 74, 75. Eu sou ex-presa política e não vou esconder. Porque amanhã vem a polícia aqui e faz aquela coisa e o pessoal fala “nossa, ela nem avisou pra gente”. Não, eu avisei. É, que mais? Ele falava assim. Acho bom não falar do aborto.

J: Uhum.

A: O padre não gostava que falasse da legalização do aborto, que é uma questão assim, é, de princípio pra nós feministas. É o direito ao nosso corpo. Vamos decidir sobre o nosso corpo. E o aborto ele é um direito desde que há a necessidade, há o desejo da mulher de não ter o filho, de abortar. Ela tem que ter esse direito respeitado, né.

J: Sim.

A: Aí então ele falava “Não, isso daí não pode falar”. Aí então tá bom, eu concordei com ele. Mas acontece que as mulheres, por saberem que eu era feminista, que eu chegava falando, então as mulheres achavam um barato, né. Eu ser feminista. Então assim né, uma mulher que fala de sexo, que sabe fazer sexo de tudo quanto é jeito. Porque pra elas, na cabeça delas era assim né.

J: Sim.

A: Mulher feminista, é, faz aborto, sabe como fazer. Então elas vinham discutir tudo isso comigo. Né. Eu as vezes nem tinha tanto conhecimento assim. Aliás, não tinha, né.

J: Sim.

A: Eu também ficava conversando com elas, né. Vamos trocar aqui experiência. Eu também não sei. “Ué, mas você é feminista e você não sabe?” Falei “É verdade, sou feminista e não sei.” Né. Enfim, era muito interessante. Aprendi muito com essas mulheres. Aprendi muito e elas eram feministas sem dizer que era feministas, muitas delas. Porque elas faziam, elas decidiam, elas tomavam iniciativa, elas iam a frente de muitas lutas. Mas elas, é, eram muito censuradas. É, a palavra feminista. Era muito considerada uma coisa meio pornográfica, meio, um mistério né.

J: Uhum.

A: Nossa, aquela coisa né. Mulheres vinculadas a bruxa, feiticeira, a puta, e tudo isso, é, cabia dentro de uma feminista, né. Na cabeça, aí, que predominava

J: Sim.

A: Naquela época de forma muito intensa. Hoje eu acho que nem tanto, mas naquela época era. Então, elas (som inaudível), elas não falavam que eram feministas. Aliás, essa sempre uma discussão né. “Eu sou feminina, não sou feminista.” Porque a feminista era considerava sapatão. Como se, era sapatão.

J: Sim.

A: Elas chamavam de sapatão. E elas até achavam engraçado, né, porque eu era feminista e eu tinha. Elas achavam que feminista não tinha filho. E eu falei “Não, eu tenho.” Então, elas achavam, é, enfim, eu sempre fui meio fora da curva, né. Então em qualquer lugar que eu vou, eu to fora da curva. E assim vai, entendeu?

J: E como era no jornal, com as outras mulheres feministas? O que elas pensavam dessas mulheres que eram mães? Que tinham esses clubes, a senhora se lembra de alguma coisa?

A: Ah, olha, as feministas no jornal eram mulheres, e um modo geral, mulheres brancas de classe média. Estudavam na USP ou tinham trabalhos, é, é, bem remunerados.

J: Sim.

A: Então, elas, é, a, elas eram muito legais. Eu gostava muito delas, dessas mulheres. Aprendi muito com elas. Aprendi com as mulheres populares e com as mulheres da classe média também, de esquerda né. Eram mulheres, assim, com uma postura de esquerda, contra a ditadura. Muitas tinham sido presas políticas. Então eu também tinha minha identidade com elas, né.

J: Sim.

A: Mas elas, é, e talvez no jornal tenha sido eu a que mais me dediquei a esse trabalho popular com as mulheres. Porque nesse trabalho popular que eu acredito. Elas as vezes, é, eu não sei, eu acho que as vezes tinham um certo preconceito. É uma impressão que eu tenho, sabe?

J: Sim.

A: Como era mulher da periferia, mulher que não conhece, não estudou na USP, mulher que nem fez o, na época era ginásio, né

J: Uhum

A: É, nem fez o ginásio, então as pessoas tem muito, tem uma dificuldade de relacionamento, eu acho. Mas eu me dou muito bem com todas as pessoas que, desde que o assunto seja feminismo, vamos discutir, entender e fazer alguma coisa né.

J: Sim

A: Eu sou assim, com a mulher, eu quero conversar e fazer alguma coisa, e também todo mundo recebia muito bem as sugestões delas lá no grupo. Nem todas iam, né. Eu chamava, as outras mulheres pra ir.

J: Uhum

A: Mas elas não tinham tempo, era muito longe, era, elas tinham outras prioridades. Mas, elas recebiam muito bem as sugestões que eu levava das mulheres dos Clubes de Mães da Zona Sul.

J: Sim

A: É interessante, né, elas gostavam das sugestões e ajudavam preparar novas matérias sugeridas por elas. Era muito bem recebida. Agora eu acho que tem essa distância mesmo de classe, né. Não sei. Eu não sei se é de classe, espaço social. São espaços sociais, é, é, distantes um do outro né.

J: Sim. É, eu também acho essa questão bem interessante. Por isso que eu tento entender um pouco isso. Eu to te fazendo bastante perguntas sobre esse tema porque realmente difícil da gente que tá longe, né, compreender como que seu essa, essa atuação.

A: Uhum.

J: Uma outra dúvida que eu tenho também é se esses grupos de mães, na experiência da senhora, eles se relacionavam com outros grupos de mulheres, se eles tinham alguma conexão somente entre os Clubes ou com outros grupos? Como que era?

A: Olha, os Clubes de Mães, assim, do que eu vi, né

J: Sim

A: Eu vou te falar do que eu vi porque eu acho, por exemplo, tem muito, uma coisa dentro do feminismo e da esquerda que se discutia muito em relação ao Clube de Mães é que as operárias são mais avançadas politicamente do que as mães da periferia. Existia essa discussão.

J: Sim

A: Né.

J: Sim.

A: Que eu nunca dei muita bola pra isso. Pra mim, é, não sei que que é isso. Nós vamos discutir o que nós temos, como que nós somos, o que que nós precisamos e o que que nós vamos fazer, entendeu?

J: Sim.

A: Então se você é mais avançada que eu politicamente, não sei, eu não te conheço. Mas vamos ver. Nós estamos conversando aqui sobre os Clubes de Mães, então eu sou nesse sentido. Nós vamos conversar sobre isso. Agora existia esse, eu acho que existia essa dúvida em relação. Existia uma dúvida se as mães podiam ser feministas porque elas eram dependentes dos homens. Nem todas, mas a maioria era dependente dos homens. Naquele tempo que os homens tinham emprego, eram metalúrgicos na maioria das vezes.

J: Sim.

A: E eram bem remunerados, né. Ser metalúrgico, naquela época, era você ter um bom salário, um alto salário. Você morava na periferia, você podia construir a sua casinha, comprar um terreno, né.

J: Sim.

A: E fazer a sua casinha ali e cuidar da vida, né.

J: Uhum.

A: Naquela época. Foi um tempo em que o emprego, é, nas indústrias metalúrgicas existia, com boa remuneração. Muitos maridos ali, eu conheci muitos maridos das mulheres. Eles eram ferramenteiros, eles tinham uma qualificação profissional que era muito importante naquela época, entendeu?

J: Sim. E

A: Essa era uma questão. Então tinha muitas feministas que iam trabalhar mais com as operárias, porque as operárias seriam as mais avançadas politicamente. E eu também trabalhei com muitas operárias, até porque no Clube de Mães às vezes tem muitas operárias também. Tem muita diarista. Nem todas as mulheres vivem é, digamos assim, dependentes economicamente dos homens.

J: Sim

A: Nos Clubes de Mães naquela época. Porque muitas eram mães, sozinhas, é, tinham vários filhos e trabalhavam de diarista. Tanto é que elas, as vezes, faltavam a reunião. A reunião era semanal, mas as vezes não dava pra elas chegarem a tempo da reunião, entendeu?

J: Uhum

A: Então, é, era, e a reunião era semanal, e era assim, tipo, duas horas da tarde até as cinco. Então realmente era um horário meio apertado. Né

J: Sim

A: Pras mulheres que tavam trabalhando, essas não conseguiam. E as que, trabalhando fora, e as mães que eram, elas faziam tudo correndo pra chegar lá duas horas. Fazia bolo, fazia café. Sabe, tinha muita coisa interessante, assim, de boa, bom relacionamento, né. Um clima de bom relacionamento.

J: Sim.

A: Tinha brincadeiras, tinha dinâmica. Olha, eu gostava muito. E ali iam umas vinte, trinta mulheres ali na reunião. E, então, essa era uma. É evidentemente que elas conviveram com preconceitos, com essa questão que a luta de classes, né, operária e patrão. Isso que é luta de classes, né.

J: Sim.

A: Não tem as vezes uma dimensão maior da luta de classes. Que as mães também tão na luta de classes

J: Sim

A: Assim como elas tão na, na luta pela igualdade de gênero. Assim como elas tão contra o racismo, que elas são mulheres pobres. Pobres quer dizer muitas mulheres negras, muitas mulheres que querem, que enfrentam o machismo ali direto, né. O cara vê que ela mora sozinha, vai lá e faz uma coisa na

frente da casa dela, ela tem que enfrentar aquilo, sabe? Umas, então aquelas mães que tão reunidas vão dar apoiado pra essa mulher, né. Vão ser solidárias. Porque assim que é a luta, né.

J: Sim.

A: Entendeu?

J: Sim. E com relação aos maridos, a senhora comentou que alguns iam nos finais de semana. A senhora se lembra como que era a participação dos homens nessas reuniões?

A: Não, não tinha homem, não.

J: Não?

A: Não. Eu conheci os homens, nessas reuniões não. Até porque os homens ou tava trabalhando

J: Uhum

A: Ou em alguma coisa. Porque é, se eles trabalhavam a noite eles tavam dormindo.

J: Sim

A: Se eles, geralmente, tinham emprego. Geralmente esses homens tinham emprego. Os homens que eram, é, que as mulheres eram casadas com eles.

J: Uhum.

A: Então quando eu conheci esses homens, que eu conversava com eles, foi em alguma reunião a noite, que eles chamavam pra ir na casa deles ou pra ir num local de igreja que eles reunir

J: Ah sim

A: Que eles iam fazer uma greve e eles queriam saber se a gente ia apoiar e como e tal. Ou, que era tudo meio que clandestino, né.

J: Uhum

A: Então tinha, tinha, era tudo meio, é, como é que fala, tinha que ser disfarçado, né.

J: Sim

A: Então eles, é, me chamavam no domingo pra conversar com eles, na casa deles. Eu ia almoçar. Aí eu conheci esses homens, né.

J: Ah, sim.

A: Inclusive foi assim que eu conheci o Santo Dias, que era um operário que foi assassinado em 1979 lá no Socorro. Na empresa em frente a Silvânia, a empresa, né.

J: Uhum.

A: Eu conheci ele assim, de reunião. Na, na sacristia da igreja porque eu fazia reunião escondida e depois a gente, ele me chamou pra ir almoçar na casa dele. Eu fui almoçar na casa dele. Aí eu já conhecia a mulher dele, que a mulher dele era do Clube de Mães e assim vai.

J: Ah, sim. Bem, bem legal essas conexões, né. E

A: Eu, eu sempre trabalhei muito junto com o povo, respeito muito. E principalmente povo que luta, porque na hora que você tá sendo perseguida, na hora que você tá sendo alvo aí da repressão, quem te ajuda, quem te dá apoio é o povo.

J: Sim

A: Né. E eu já fui muita, eu já recebi muito apoio, muita solidariedade. Então eu trato com muito respeito, e tenho muito respeito e me identifico muito com essa gente.

J: Não, é. Realmente, é muito importante a luta popular, né. Se não fossem as mulheres dos Clubes de Mães uma série de movimentos não teria sido iniciado. Esse mesmo do movimento de creches, que a senhora comentou, eu acho, assim, essencial. É, eu tava dando uma olhada nos documentos que tão no Cedem. Eu não sei se, eu acho que a senhora já sabe quais são, os documentos das reuniões, né, dos Clubes de Mães e eu achei um documento falando sobre o ano da mulher, em 75, que foi o ano que a ONU definiu. A senhora se lembra de alguma discussão sobre isso, algum comentário sobre a ONU ou sobre o ano da mulher?

A: Olha, eu fiz muitas reuniões sobre isso. E nós, é, nós tínhamos uma posição, pelo menos com aquelas mulheres que eu me reunia

J: Uhum

A: A gente tinha uma posição muito tranquila em relação a, a importância de ter um ano internacional da mulher e a gente poder fazer alguma atividade legal, porque era tudo clandestino

J: Sim

A: Então a gente podia fazer legal, porque se a ONU tá chamando, nós vamos ter que falar com o governo. Se o governo vier militar, né

J: Uhum

A: A ditadura vier querer proibir a gente, nós vamos falar com eles, “Não, é, gente, isso quem tá chamando é a ONU”. Porque naquela época a ONU, é, tinha uma certa respeitabilidade, né

J: Sim

A: Pra o Estado brasileiro. Hoje nem tem. Hoje tá uma, hoje se falar que é a ONU que tá chamando, é, esse Bolsonaro aí é capaz de falar, é capaz de, ele chamar a ONU de terrorista. Mas naquela época talvez a gente pensou isso.

J: Sim

A: Pensamos assim e acho que deu certo

J: E surgiram boas discussões?

A: É que as mulheres, em um modo, de um modo geral, a ONU ninguém sabia o que que era.

J: Uhum

A: Era nós as mais, digamos assim, as mais escoladas, né

J: Sim

A: Porque aquelas que conhecem a política mais, conversa mais sobre isso, é que sabe, que já ouviu falar da ONU em 1975, né

J: Sim. E, mas essas discussões deram algum fruto? As mulheres dos Clubes de Mães entenderam o que era o ano da mulher? Entenderam a importância da ONU?

A: Ah

J: Ou isso ficou ali somente?

A: Essa do ano da mulher acho que foi o mais importante ser o ano internacional da mulher do que ser a ONU.

J: Sim

A: A ONU, é, a gente sabia que quem tava convocando era a ONU.

J: Uhum

A: Mas acho que as mulheres não chegaram nem a perceber, não. É, não tem importância se é a ONU. “O que que é ONU? Eu não sei o que que é, mas que é um ano internacional da mulher, que nós precisamos de ter um apoio, de ter uma política”, isso aí as mulheres tinham consciência.

J: Sim. Muito bom.

A: E elas aproveitaram pra escrever aquela carta das mães da periferia, né?

J: Sim

A: Ali em 1975 que elas publicizaram a carta. Porque na verdade elas começaram um pouquinho antes.

J: Ah, sim. Legal. E agora já encaminhando um pouco pro final, também, que a gente já tá conversando bastante, eu queria saber um pouco como que se deu a relação da senhora com o grupo no quesito de afastamento. Eu sei que no final, assim, mais ou menos após os anos 1980, os grupos já se reuniam um pouco menos, né. Eu queria saber se a senhora

A: É

J: Pode falar um pouco sobre isso, como que foi esse distanciamento do grupo, o que que a senhora acha que aconteceu...

A: Ah, mudou a política, né? A política mudou porque existia a, a, digamos assim. Eu tenho essa impressão.

J: Uhum

A: A própria Igreja e ah, e os, digamos assim, os grupos de esquerda, eles tinham que atuar muito clandestinamente quando era em defesa do povo, né.

J: Sim

A: Em defesa das causas populares. Então eles apoiaram muito as mulheres porque era muito perigoso os homens se manifestarem, né.

J: Uhum

A: Agora, quando chega nos anos 80, os homens tomam a frente e aí eles, olha, você vai me desculpar, mas aí eles derrubam as mulheres, entendeu?

J: Aham

A: Ah, eles vão dar uma rasteira nas mulheres. Tanto é que a luta por creche era uma luta mais importante. Tão importante quanto lutar contra a alta do custo de vida. Mas ficou só o custo de vida, e a creche foi tirada, foi retirada das reivindicações porque creche é uma coisa menor, não tem importância nenhuma pros homens, né. Eles acham

J: Sim

A: Eles acham, assim, eles não entendem que a creche é fundamental, né.

J: Sim

A: Mas infelizmente, como a participação das mulheres é fundamental. A qualidade na luta é muito mais, é, aprimorada, com a participação das mulheres, né. É muito mais profunda. É uma intervenção muito mais, é, digamos assim, muito mais refletida, muito mais envolvente, é. É uma intervenção que envolve pessoas.

J: Sim

A: Muito mais que a dos homens. Mas eles, aí eles começaram a querer ser do sindicato, ser de partido político, fazer carreira política ou carreira sindical porque nos anos 80 começou a abrir um pouco mais, né

J: Uhum

A: Então eles alijaram as mulheres. E as mulheres foram cuidar de outras coisas, né.

J: Sim

A: As mulheres também tiveram várias decepções e isso também mudaram a sua, elas começaram a ver que não bastava elas lutar pelos outros, elas também tinham que lutar por elas mesmas, né. E aí elas vão ser muito mais feministas e vão buscar emprego, é, buscar direitos, entendeu? Assim,

J: Uhum

A: Os seus direitos enquanto mulheres.

J: Sim. É, e a senhora ainda tem contato com alguma dessas mulheres?

A: Eu tenho, eu tenho.

J: Ah, legal. Vocês ainda discutem um pouco sobre essas questões ou é mais focado nessas questões mais feministas?

A: Olha, nós discutimos, quando a gente se encontra,

J: Uhum

A: Algumas já morreram, outras se mudaram, né

J: Sim

A: Pra outra cidade. Mas eu de vez em quando encontro. E a gente fala com muita saudade desse tempo, né. Porque nós éramos jovens também. Nós tínhamos, é, digamos assim, mais, é, mais, como é que eu diria? Mais empenho, né

J: Uhum

A: Pra luta. Depois muitas também vão ficando mais velhas, vão se acomodando e, ou, vão tendo mais dificuldade de se relacionar com as novas gerações. Então, é, mas todo mundo fala com muita saudade. E tem o tipo de mulher que, é, são poucas, mas são interessantes. Algumas, é, morreram ou foram embora.

J: Uhum

A: Que eram estrangeiras, né. As freiras

J: Ah, sim

A: As freiras, né. Você fez entrevista com a Irmã Cecília?

J: Ainda não. Eu, eu não tenho o contato da Irmã Cecília, eu só cheguei a ver as entrevistas que ela deu no YouTube mesmo.

A: É, porque ela era muito forte nessa organização, né.

J: Uhum

A: Mas não era só ela, tinha várias outras. Mas, na Zona Sul, era a Irmã Cecília que eu quando atuava lá eu me encontrava com ela.

J: Ah, sim. Eu vou tentar falar com ela, então. É, a senhora tem mais alguma coisa pra me contar sobre isso ou...?

A: Eu acho que tá bom, né?

J: Tá, já conversamos bastante. Eu consegui bastante informação. Antes de eu finalizar eu quero agradecer imensamente a senhora. Eu to analisando os documentos, as pesquisas, mas eu acho muito importante ter essa voz de quem tava lá, né. Trazer isso pra dentro

A: É

J: Mais do que discutir academicamente. Eu acho que é importante a gente escutar quem fez parte da construção desse movimento, quem fez parte da construção da história. Então assim, muito obrigada mesmo pela atenção e pelo tempo que a senhora tá disponibilizando.

A: Tá bom. Você fez a, você tá estudando aonde?

J: Eu faço Relações Internacionais na UNILA.

A: Na UNILA?

J: Isso, em Foz do Iguaçu.

A: Ah, em Foz do Iguaçu, né. Em Foz do Iguaçu. Ah, sim, claro.

J: Quando eu

A: Então boa sorte aí, boa sorte

J: Obrigada

A: Tem a, tem a professora que me chamou pra ir aí. Como que ela é chama? Gente

J: É a Suellen?

A: Não, não é a Suellen.

J: Não sei.

A: Agora, agora me escapou.

J: Mas, é

A: Mas, tá. Mas um abraço pra todo mundo aí, tá bom.

J: Muito obrigada. E antes de eu finalizar,

A: Boa sorte.

J: Eu só quero perguntar mais uma coisa pra senhora. Se não for muito incomodo, se eu posso disponibilizar essa entrevista que a gente fez no, no repositório da UNILA pra que outros pesquisadores mais pra frente possam usá-la também.

A: Ah, pode sim. Tem problema, não.

J: Tá. Então eu vou encaminhar um documentinho pra senhora, se a senhora puder só assinar pra mim por gentileza, porque eu preciso ter isso pra minha dissertação. E eu posso encaminhar no Whatsapp mesmo ou a senhora quer que eu envie por e-mail?

A: Pode ser por e-mail, porque eu não dou conta de passar do Whatsapp pro computador.

J: Tá bom.

A: Até hoje eu não consigo. É amelinhateles@gmail.com

J: Tá certo. E quando eu finalizar.

A: E você

J: Desculpa, pode falar.

A: Aí você manda pra mim também a entrevista.

J: Mando sim. E quando eu finalizar a minha dissertação, que eu acredito que vai ser no final do ano eu encaminho pra senhora também.

A: Ah, obrigada, viu.

J: Eu que agradeço, muito obrigada.

A: Tá bom, boa sorte.

J: Obrigada

A: Tchau

J: Tchau, tchau.